

# As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim: no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III. a.C.

Ana Margarida Arruda

## 1. O sítio e o contexto

O Castelo de Castro Marim está implantado sobre uma colina de forma irregularmente circular, com 42 m de altitude.

Localiza-se no Distrito de Faro, Concelho de Castro Marim, e situa-se na margem direita do rio Guadiana, muito próximo da sua foz.

Actualmente, está rodeado de sapais que não são outra coisa senão o testemunho da extensão que o rio teria tido em épocas recuadas. É sabido que ainda no século XVI a área do Castelo de Castro Marim era uma península, ligada à terra apenas por estreita faixa que partia da sua vertente Oeste.

A identificação deste sítio arqueológico com a *BAESURIS* do Itinerário de Antonino tornou-se inquestionável a partir das escavações que aí dirigiu, uma vez que foi possível recolher, num nível tardo-republicano, uma moeda de chumbo com a legenda BAE.

As escavações permitiram determinar que o povoamento do Castelo de Castro Marim se iniciou no Bronze Final, dominando no entanto os resultados que se referem às ocupações da Idade do Ferro e período romano.

Situado no que se pode considerar uma área periférica de Tartessos, este povoado regista, à semelhança do que se sucedeu na região de Huelva, o impacto do comércio do Mediterrâneo Oriental, talvez já durante à segunda metade do século VIII a.C.

Cerâmicas de engobe vermelho, *pithoi* pintados em bandas, vasos trípedes, cerâmica cinzenta fina polida e ânforas da classe A de Mañá (concretamente uma forma afim da R1 de Vuillemont) são testemunhos eloquentes de um profundo contacto com os navegadores/comerciantes do Mediterrâneo Oriental, neste momento já instalados no SW da Península, concretamente em Cádiz e na costa de Málaga e Granada.

A partir de meados do século V a.C., Castro Marim começa a receber cerâmicas provenientes da Grécia (ARRUDA, 1992 e 1995) e, mais tarde (segunda metade do século IV a.C. em diante), cerâmicas com origens mais ocidentais, muito possivelmente produzidas na região magrebina.

A importação de produtos alimentares neste período é também muito intensa, estando bem documentada através de um considerável número de ânforas habitualmente designadas de «ibero-púnicas».

A partir dos meados do século III a.C., observa-se um certo declínio, cessando o comércio a longa distância e, logicamente, as importações.

Somente a partir da segunda metade do século I a.C., o Castelo de Castro Marim retoma a sua importância, assistindo-se na época romano-republicana a profundas renovações urbanas e à chegada de enormes quantidades de produtos manufacturados e alimentares, sobretudo provenientes da Itália. No entanto, e paralelamente a numerosas ânforas de produção italiana (Dressel 1) e Norte africana (Mañá C2), surgiram outras cujas formas se enquadram em modelos anteriores.

São justamente os materiais cerâmicos de importação, posteriores aos finais do século V a.C., que aqui se apresentam, excluindo-se naturalmente a cerâmica ática já objecto de outras publicações (*ibid.*). Decidiu-se igualmente incluir neste trabalho as ânforas de época republicana não itálicas, uma vez que representam uma notável evolução morfológica dos modelos dos séculos V a III a.C.

## 2. As cerâmicas

### 2.1. A cerâmica de uso doméstico

O conjunto de peças que aqui se apresenta provem, na totalidade, de uma única unidade estratigráfica, arqueologicamente muito bem definida, que corresponde a um momento em que já não se registam importações de cerâmicas áticas. A sequência estratigráfica observada permite-nos datar este conjunto entre os finais do século IV a.C. e os inícios do século III a.C.

As cerâmicas importadas encontradas neste nível enquadram-se em dois grandes grupos:

1. taças da forma 27 da classificação de Lamboglia (1952);
2. pratos de peixe da forma 23 da mesma tipologia.

As pequenas taças da forma 27 (Fig. 2) dominam no conjunto, e apresentam bordo reentrante e parede com clara inflexão, por vezes quase angulosa. O pé é destacado e anular. Os exemplares de Castro Marim possuem todos engobe vermelho acastanhado ou alaranjado que cobre sempre a parede interna, e que por vezes cobre também a parede externa e nunca surge no pé. Têm pastas bem depuradas e excelente cozedura.

Estas taças relacionam-se directamente, no que se refere à forma, com produções de verniz negro, tanto áticas como da Sicília e da Magna Grécia (MOREL, 1981).

Os pratos de peixe têm pé individualizado e anular, e lábio exvertido e pendente. Estão cobertos por um engobe vermelho acastanhado ou negro que adquire, por vezes, uma tonalidade esverdeada. À semelhança das taças da forma 27, é também na cerâmica ática que estas produções se inspiram (Fig. 2).

Os pratos de peixe da forma 23 de Lamboglia foram incluídos na espécie 1120 de Morel, sendo fácil inserir os exemplares de Castro Marim na série 1121 desta mesma tipologia, para a qual o investigador francês aponta uma cronologia entre meados do IV e o século III a.C. (*ibid.*).

Tanto as taças como os pratos de peixe possuem em Castro Marim características comuns ao nível do fabrico, verificadas tanto nos engobes como nas pastas e tratamento das superfícies, tudo indicando, portanto, que têm a mesma origem. Fabricadas em Atenas e na Magna Grécia com as superfícies cobertas por verniz negro, estas duas formas são também produzidas em oficinas ocidentais, sendo aqui o verniz negro substituído por engobes de melhor ou pior qualidade.

O seu fabrico está atestado tanto em Ibiza (AMO, 1970; GUERRERO, 1980), como no Norte de África (PONSICH, 1968 e 1969). As características físicas que os exemplares de Castro Marim apresentam, não permitem afirmar com, muita segurança, o local exacto da exportação. Sem as necessárias análises químicas e petrográficas não parece possível precisar claramente a sua origem. No entanto, e talvez porque as produções marroquinas estão melhor documentadas que as de Ibiza, inclinamo-nos mais para a hipótese africana. De facto, as peças de Castro Marim apresentam extraordinárias semelhanças com as produções do sítio marroquino de Kuass, quer ao nível das pastas, engobes e tratamentos das superfícies, como morfológicamente.

Seria fastidioso e desnecessário enumerar todos os sítios onde podemos observar paralelos para as peças aqui apresentadas.

No entanto, importa dizer que em Portugal as taças da forma 27 são, por enquanto, desconhecidas e os pratos de peixe da forma 23 apenas se registaram em Miróbriga, Santiago do Cacém (SOARES e SILVA, 1979) e na área urbana de Faro (materiais inéditos depositados no Museu lapidar Infante D. Henrique - Faro).

Em Espanha, ambas formas estão bem documentadas em vários sítios, desde a região Valenciana à Andaluzia Ocidental em níveis datados desde o século IV ao II a.C. Deve, contudo, notar-se que os pratos de peixe datados do século II a.C., por exemplo em La Tiñosa - Lepe (BELÉM e FERNANDEZ MIRANDA, 1978) e Cabezo de S. Pedro - Huelva (BELÉM *et al.*, 1977) possuem diferenças acentuadas em relação aos de Castro Marim, no que se refere ao perfil do pé, que, no caso das estações espanholas, quando é indicado, apresenta base plana.

Parece aqui importante referir que tanto Ibiza como Kuass produziram abundantemente, e nesta mesma época, outras formas cerâmicas afins das áticas (entre outras 14, 21-25, 28, 29 34), que não se verificam até ao momento em Castro Marim. Tão pouco parecem registar-se em sítios do actual território espanhol. Estas ausências poderão talvez explicar-se pela preferência das populações peninsulares por formas já anteriormente consumidas em cerâmica ática, mais de acordo com hábitos alimentares bem assimilados.

De facto, o prato de peixe com cavidade central encontrava-se difundido na Península Ibérica desde o século VIII a.C., justamente a partir da presença de navegadores fenícios no SW, sendo a produção ática desta forma, em verniz negro ou de figuras vermelhas, bem conhecida nas costas meridionais peninsulares.

## 2.2. As ânforas

As ânforas são, sem sombra de dúvida, as melhores documentadas peças cerâmicas recolhidas em Castro Marim. Deixando para outro local as produções anteriores ao século V a.C., apresentamos aqui as ânforas da segunda metade do primeiro milénio a.C.. Uma estratigrafia bem conservada possibilitou a datação da grande maioria dos exemplares.

Pudemos datar o espólio anfórico pela sua clara associação a:

1. cerâmica ática dos finais do século V a.C. (taças Castulo e da Classe delicada);
2. cerâmica ática do primeiro quartel do século IV a.C.;
3. produções ocidentais das formas 23 e 27 de Lamboglia dos finais do século IV e inícios do III a.C.;
4. cerâmicas romanas (campaniense, paredes finas e ânforas itálicas) da segunda metade do século I a.C. (50-30 a.C.).

As ânforas integram-se, na totalidade, em modelos ocidentais e destinavam-se ao transporte de preparados piscícolas. Convém desde já referir que não foi possível detectar diferenças acentuadas ou mesmo qualquer evolução tipológica nítida entre os exemplares dos diversos níveis arqueológicos dos séculos V a III a.C. Apenas algumas ânforas de época romana apresentam características que claramente as diferenciam das anteriores, correspondendo aquelas a uma evolução tipológica de formas mais antigas.

As ânforas do Castelo de Castro Marim integram-se, no geral, nas classes D e E de Pellicer.

As primeiras são ânforas, sem colo, de boca estreita, com bordo reentrante espessado externa e/ou internamente, e ombros altos e arredondados que correspondem à forma B de Mañá (Figs. 2 e 3). Estão presentes nos níveis dos finais do século V e inícios do IV, não se registando nos dos finais do IV e primeira metade do III a.C.. A produção desta forma está bem documentada na região gaditana, concretamente em Las Redes - Puerto de Santa Maria (FRUTOS *et al.* 1988)

As ânforas de bordo espessado internamente, de forma geral bitroncocónica, com carena mais ou menos acentuada na área superior, encontram-se também abundantemente, neste caso em todos os níveis arqueológicos do século V a III a.C. (Figs. 2 e 3). São ânforas que morfologicamente se podem integrar no tipo II de Kuass, onde foram fabricadas (PONSICH, 1968). O seu fabrico está também atestado em Las Redes - Puerto de Santa Maria (FRUTOS *et al.* 1988)

Registou-se também um outro tipo de ânfora (Fig. 3), muito semelhante ao anterior, mas de tendência mais cilíndrica, cujo o bordo apresenta o típico espessamento interno, correspondendo ao tipo E2 de Pellicer (1978).

Também aqui nos parece desnecessário a enumeração de todos os sítios arqueológicos onde se registaram ânforas do mesmo tipo das que surgiram em Castro Marim. Refira-se, no entanto, que são peças relativamente comuns num grande número de sítios costeiros do Sul peninsular desde o País valenciano até à Andaluzia, entre o século V e os finais do II a.C., sendo muito frequentes na área de Cádiz, no vale do Guadalquivir (Macareno) e em Huelva (La Tiñosa).

Como já foi dito anteriormente, num nível muito bem estratigrafado e datado dos anos 50-30 a.C., foi recolhido, paralelamente a importações itálicas (Dressel 1) e norte africanas (Mañá C2), um conjunto de ânforas que parecem derivar destes modelos ocidentais dos séculos V a III a.C. (Fig. 5). Dividem-se fundamentalmente em dois grandes tipos. Um, de forma geral ovóide, de bordo reentrante, espessado interna e externamente e um outro de boca muito estreita, com ombros bem marcados e com carena muito acentuada e cujo corpo deverá apresentar uma forma cilíndrica (Fig. 4).

Sabe-se muito pouco da produção e da expansão deste tipo de ânfora, desconhecendo-se a localização dos fornos onde era fabricado. Uma origem no Sul peninsular não parece, no entanto, hipótese a desprezar, uma vez que os preparados piscícolas norte africanos eram transportadas nas ânforas Mañá C2, tão abundantes em Castro Marim no mesmo nível.

## 3. Discussão

Os materiais que aqui apresentámos merecem ainda alguns comentários dado a sua integração no comércio ocidental da segunda metade do primeiro milénio a.C. e ainda pelo seu significado em termos estritamente regionais.

Os dados disponíveis apontam para a existência, a partir da segunda metade do século IV a.C., de um comércio com o mundo púnico, verificado a partir das importações de cerâmicas de uso doméstico da região de Marrocos

atlântico. Estas importações iniciam-se apenas no momento em que as relações com a Grécia, através de Cádiz, tinham já efectivamente cessado dado que apenas surgem em níveis onde a cerâmica ática já não está presente. No entanto, parece importante referir que as formas importadas do Norte de África vêm claramente na sequência das importações que no primeiro quartel do século IV tinham sido efectuadas. De facto, os pratos de peixe de verniz negro fabricados em Atenas têm uma presença significativa Castro Marim (ARRUDA, 1992), o que prova a aceitação que esta forma atingiu junto da população local, aceitação essa certamente relacionada com hábitos alimentares adquiridos talvez a partir do início dos primeiros contactos com as populações do Mediterrâneo Oriental. Os pratos de peixe de largo bordo horizontal, cobertos de engobe vermelho, surgem em Castro Marim em níveis que pudemos datar dos séculos VII e VI a.C.

Por outro lado, como já vimos, a abundância de pratos de peixe áticos ou de modelos áticos, coincide com a importação maciça de ânforas de preparados de peixe.

Quanto às ânforas, que, como vimos, correspondem na totalidade a produções ocidentais, podem ter sido produzidas em território peninsular, mais concretamente na área de Cádiz. Destinavam-se ao transporte de preparados piscícolas que foram exportados para todo o Sul peninsular e até mesmo para o mediterrâneo Oriental a partir do século V a.C.. Cádiz, e algumas outros estabelecimentos fenícios da Andaluzia Oriental e do Norte de África, superaram, com a produção de preparados de peixe e outros produtos alimentares (vinho e azeite), as dificuldades económicas que todo o mundo fenício-ocidental enfrentou na sequência da chamada crise do século VI a.C..

O aparecimento destas ânforas no SW peninsular, em geral, e em Castro Marim, em particular, vem mostrar como Cádiz continua a ter, no âmbito do comércio ocidental e na segunda metade do primeiro milénio a.C., um papel tão importante como o que já tinha assumido durante os séculos VIII a VI a.C.

Tudo indica, que uma vez mais, o comércio a longa distância (entre o Mediterrâneo oriental e o Ocidente) e inter-regional passou pela região gaditana, facto que já era perceptível no comércio para Ocidente da cerâmica grega (ARRUDA, 1993).

Um outro dado importante, que deve reter-se, é a existência dos estreitos contactos entre as antigas colónias fenícias da Península Ibérica e as do Norte de África, tudo levando a crer que os sítios de fundação oriental, onde devemos incluir, para além dos peninsulares como Cádiz, Cartago e os de Marrocos atlântico, formaram uma verdadeira *Koiné*, que domina todo o comércio entre Ocidente e Oriente.

Neste contexto, não é pois de estranhar que este conjunto de peças surja no Castelo Castro Marim. Com relações com o mundo fenício ocidental desde, pelo menos, os inícios do século VII a.C., mantem-se, na segunda metade do primeiro milénio, ligada a esse mesmo mundo. Continua dependente de Cádiz em termos de importações (cerâmicas gregas e preparados de peixe), não sendo impossível pensar que mesmo as importações de cerâmicas finas produzidas no Norte de África tenham chegado a Castro Marim não directamente, mas através de comerciantes gaditanos.

Finalmente, parece importante lembrar que a sua localização na foz do rio Guadiana terá contribuído, de forma definitiva, para a "disponibilidade" que este sítio manifesta em relação aos novos produtos que aí aportam.

Junto à costa, e com acesso directo ao interior através do rio, próximo da área tartéssica, o Castelo de Castro Marim cedo contacta com o Mediterrâneo. Povoado indígena, cujo início da ocupação data pelo menos da Idade do Bronze, mantém, durante a Idade do Ferro, contactos com povos do Mediterrâneo Oriental e com o Norte de África, ou directamente ou, mais provavelmente ainda, através das colónias fenícias do Ocidente da Península Ibérica, nomeadamente de Cádiz.

Este povoado, ainda que geograficamente periférico, participa pois, de algum modo, nas grandes movimentações ocorridas no Mediterrâneo durante o primeiro 1º milénio a.C..

Se admitirmos que durante a Idade do Ferro o comércio mediterrânico com a fachada atlântica peninsular se processou por via marítima, através de comerciantes gaditanos, é lógico pensar que Castro Marim foi, pela sua posição estratégica (decorrente de uma localização geográfica privilegiada), um sítio com excelentes possibilidades de se transformar num lugar que exportaria matérias primas (provenientes de povoados do interior), recebendo, para consumo directo e para comercializar em territórios mais ou menos próximos, produtos manufacturados.

Todos estes dados permitem pensar que em Castro Marim estava provavelmente instalado um grupo de comerciantes eventualmente dependentes de uma "elite" político-administrativa.

Efectivamente, o tipo de comércio que a existência de razoáveis quantidades de cerâmicas importadas presuppõe só é compreensível num sistema hierarquizado social, política e economicamente.

Neste sentido, o Castelo de Castro Marim poderia ter funcionado como um *Lugar Central*, nos parâmetros que Renfrew definiu para este termo.

## BIBLIOGRAFIA

- AMO, Mariano (1970) - La ceramica campaniense de importación y las imitaciones campanienses de Ibiza, *Trabajos de Prehistoria*, 27, pp. 201-244.
- ARRUDA, Ana Margarida (1992) - A cerâmica ática do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica. Trabalho de síntese apresentado ao INIC para discussão na prova de habilitação prevista no artigo 6 do Decreto Lei 68/88 de 3 de Março. Edição policopiada. 220 páginas. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- ARRUDA, Ana Margarida (1993) O comércio grego. In MEDINA, J. (Dir.) *História de Portugal*. Amadora: Ediclube, vol. 2, p. 34-44.
- ARRUDA, Ana Margarida (1995) - Panorama das importações áticas em Portugal. *Huelva Arqueológica* (Actas do Simpósio: Iberos y Griegos: Lecturas desde la diversidad .Ampúrias, 1991). Huelva.: Diputacion Provincial de Huelva, 13, 1, p. 129-154.
- BELEN, Maria e FERNANDEZ-MIRANDA, Manuel (1978) - La Tiñosa (Lepe, Huelva). *Huelva Arqueológica*. Huelva: Diputacion Provincial de Huelva, 4, pp.197-281.
- BELEN, Maria, FERNANDEZ-MIRANDA, Manuel e GARRIDO, Juan Pedro (1977) - Las origenes de Huelva: excavaciones en los cabezos de San Pedro y la Esperanza. *Huelva Arqueologica*. Huelva: Diputacion Provincial de Huelva, 3.
- FRUTOS, G; CHIC, G. e BERRIATUA, N. (1988) - Las anforas de la factoria prerromana de salazones de «Las Redes» (Puerto de Santa Maria, Cadiz). *Actas do 1º Congreso peninsular de História Antigua*. Santiago de Compostela: p. 295-306, vol 1.
- GUERRERO, Victor (1980) - Las ceramicas pseudo-campanienses ebusitanas en Mallorca. *Archéologie en Languedoc*, 3, pp. 169-194.
- LAMBOGLIA, Nino (1952) - Per una classificazione preliminare della ceramica campana. *Atti del 1º Congresso Internazionale di Studi Liguri* (Bordighera, 1950). pp. 139-206.
- MOREL, Jen Paul (1981) - *Ceramiques campaniennes: les formes*. Paris: MEFR.
- PELLICER, Manuel (1978) - Tipologia y cronologia de las anforas prerromanas del Guadalquivir segun el Cerro Macareno (Sevilha). *Habis*. Sevilha, 9, pp. 365-399
- PONSICH, Michel (1968) - Alfererias de epoca fenicia y punico-mauritania en Kuass (Arcila, Marruecos). *Papeles del Laboratorio Arqueologia de Valencia*. Valencia, 4, pp. 3-25
- SOARES Joaquina e SILVA, Carlos (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago de Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, 5, pp. 159-184

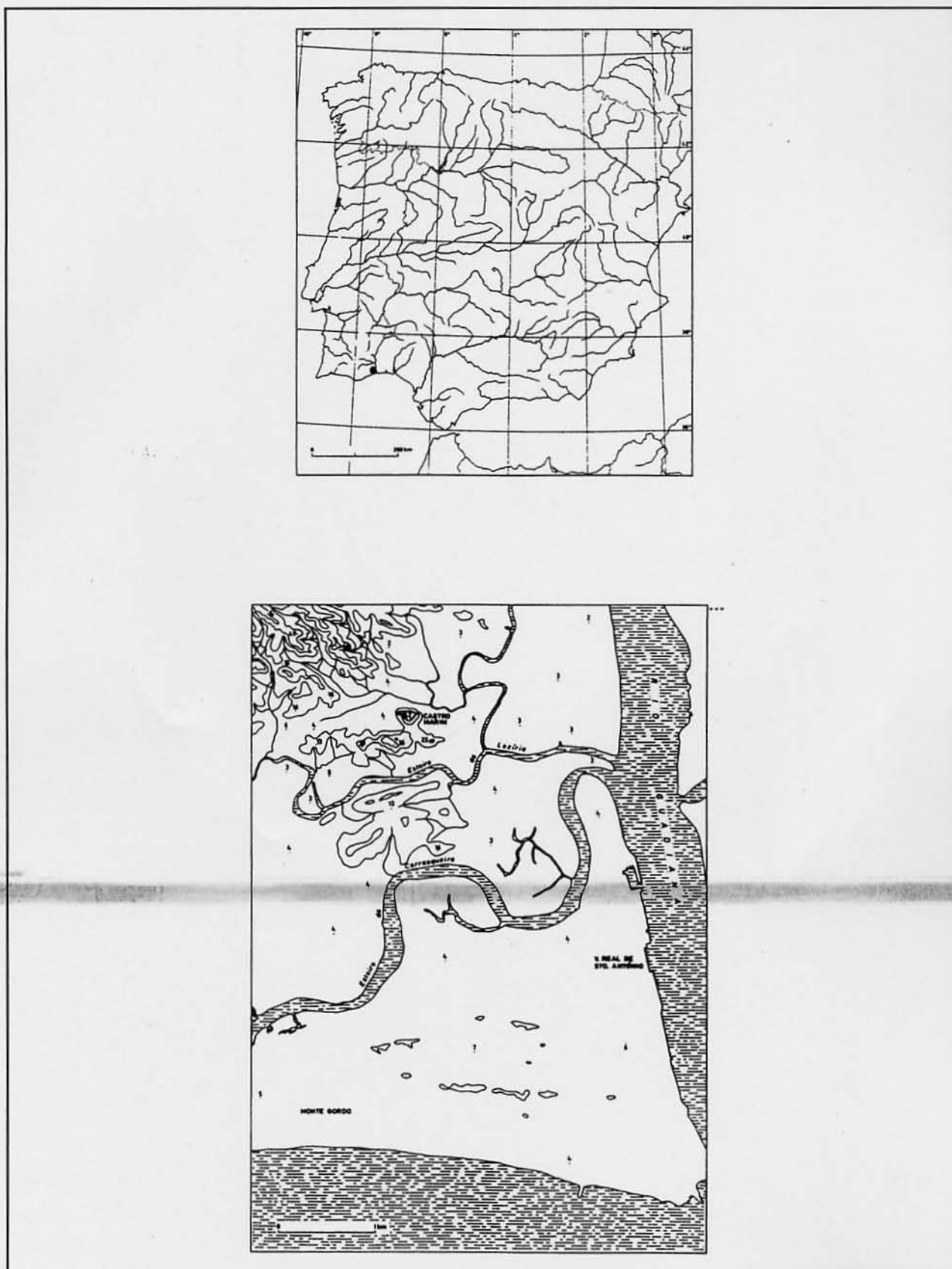


Fig. 1. Localização de Castro Marim na Península Ibérica e na escala 1:25.000

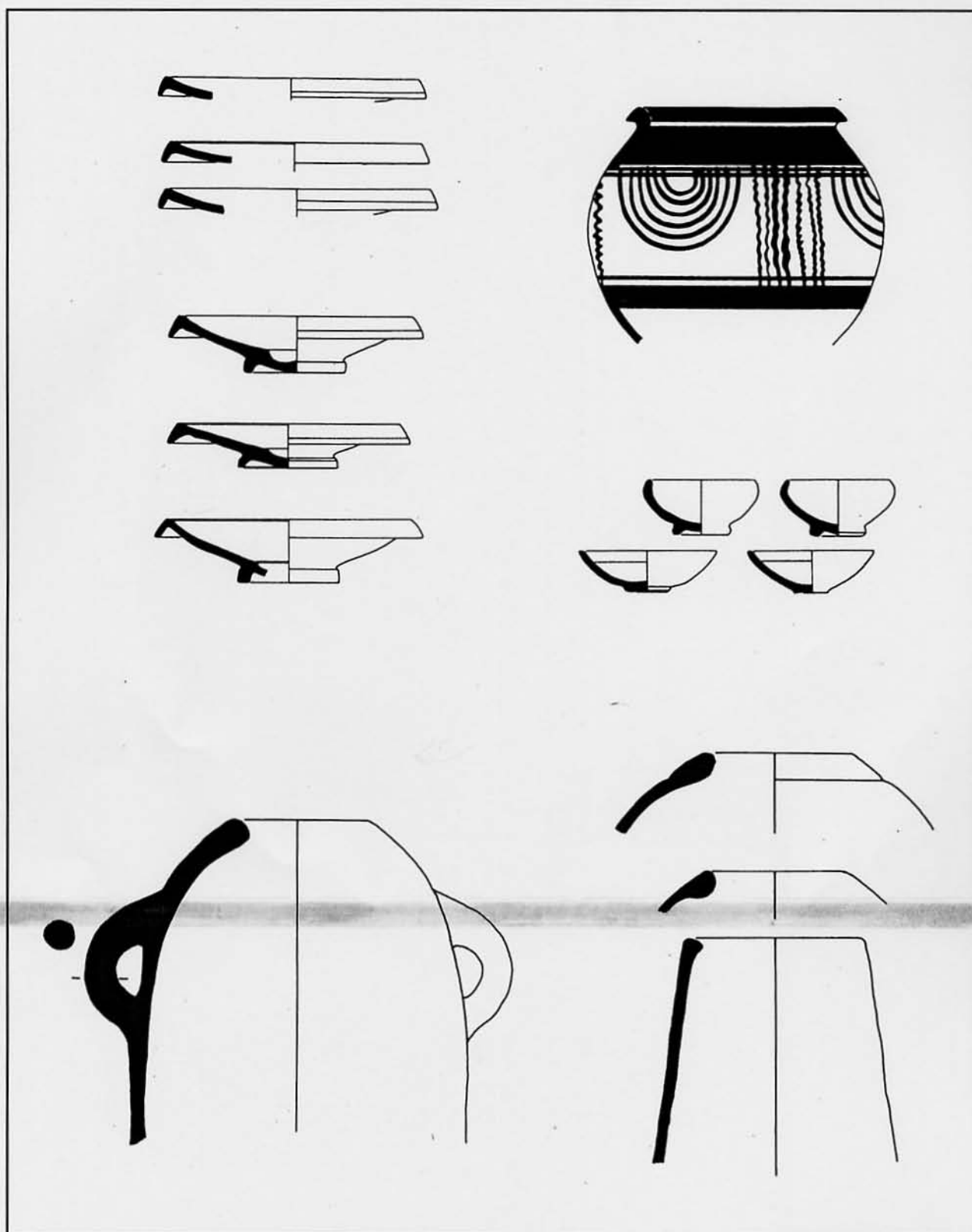


Fig. 2. Em cima à esquerda: pratos de peixe da forma 23 de Lamboglia dos finais do século IV aos inícios do III a.C.. À direita: em cima vaso decorado com bandas e linhas zigzagueantes e concêntricas e taças da forma 27 de Lamboglia dos finais do século IV aos inícios do III a.C.. Em baixo ânforas do último quartel do século V a.C.. Escala: 1:4

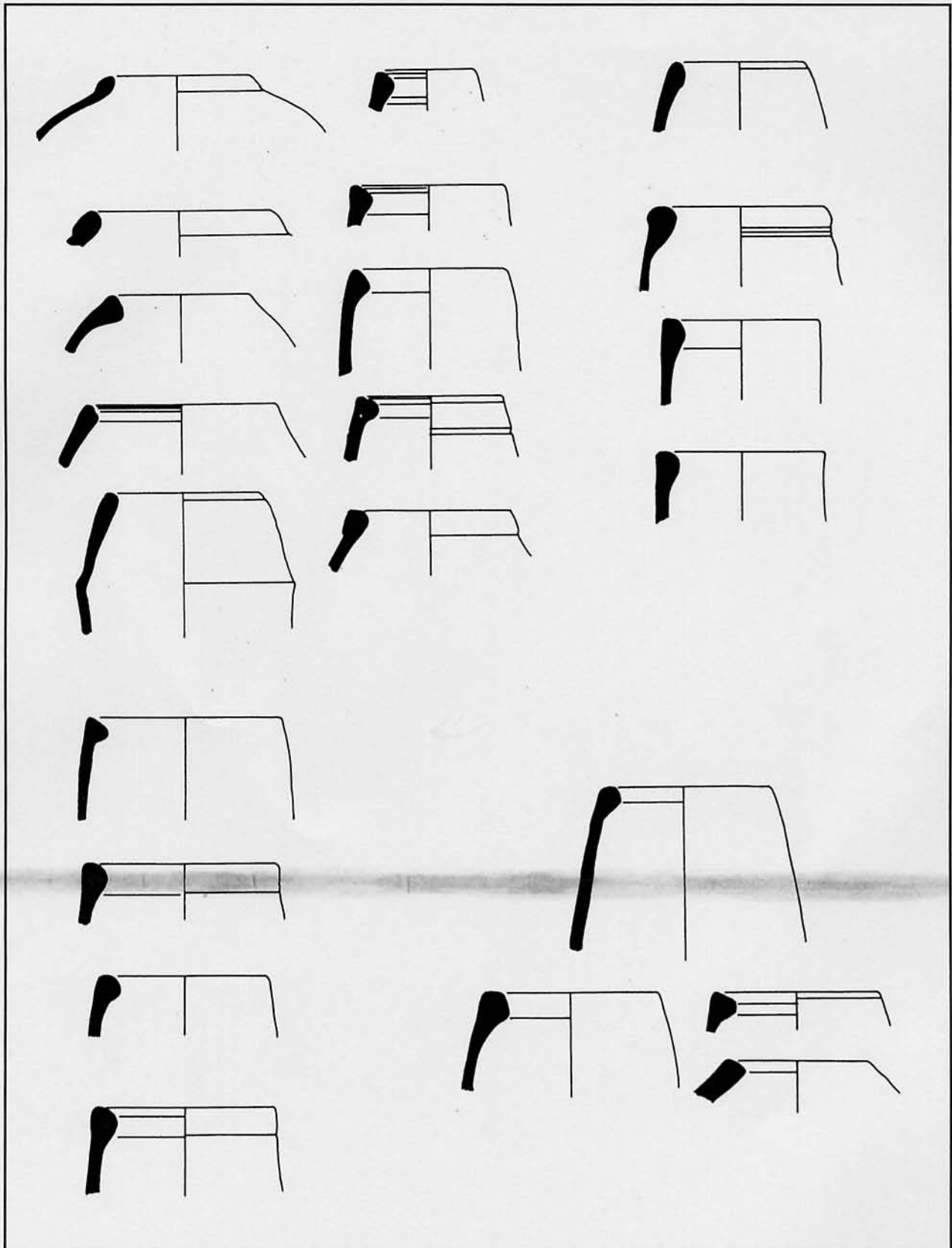


Fig. 3. Ânforas da primeira metade do século IV a.C. As quatro ânforas em baixo à direita pertencem aos finais do século IV aos inícios do III a.C. Escala: 1:4

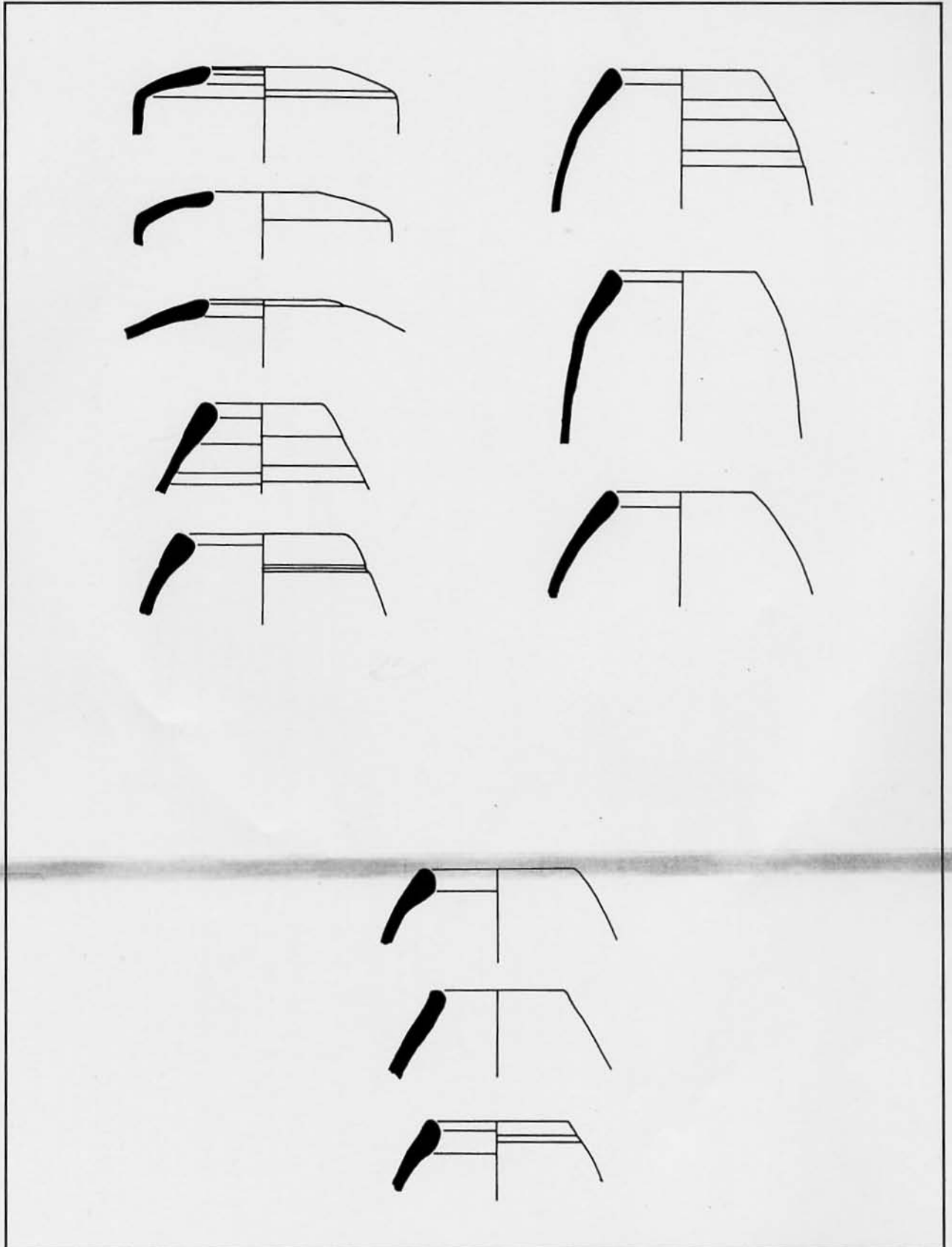


Fig. 4. ânforas da segunda metade do século I a.C. Escala: 1:4